

Revista multiverso entrevista:

Paulo Marchon¹, Vitória

REVISTA MULTIVERSO) O Sr. poderia nos contar um pouco sobre a sua trajetória de vida, e, em particular, na psicanálise? Por que se interessou pela psicanálise, como buscou sua formação, qual o seu percurso?

PAULO MARCHON) Sou o nono filho de uma família de dez. Sete deles atingiram a idade adulta. Somos descendentes de suíços do Cantão de Friburgo, mas fui nascer em um pequeno povoado – Reduto – em Minas Gerais, e meus pais, quando eu estava com três meses, se mudaram para Celina – outro povoado – desta vez no Espírito Santo, nas vizinhanças de Cachoeiro de Itapemirim, onde vivi dos sete aos 18 anos.

Com o então chamado Curso Científico nas costas e na cabeça, fui fazer o vestibular de Medicina no Rio, na Faculdade Nacional de Medicina, que hoje faz parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Modéstia à parte, junto com o vestibular da USP, eram os dois vestibulares mais difíceis da época.

Parece que havia uma propensão a procurar soluções difíceis, mas é a vida..., ou melhor, talvez fosse possível obter alguma ajuda na Psicanálise se isto constituísse problema. Mas voltemos à Faculdade de Medicina. Era um belíssimo edifício, construído em 1918, na Praia Vermelha, que a sanha destrutiva da ditadura não perdoou e botou abaixo.

No quarto ano de Medicina, internei-me no IPUB, atual Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que é o Hospital da

1. Psicanalista membro efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE) e da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR).

Cadeira de Psiquiatria dos Professores Aduino Botelho, depois Maurício de Medeiros e finalmente José Leme Lopes. Internei-me é o termo exato e não tive mais alta até hoje. Tomando contato direto com os pacientes, ficávamos diante deles sem saber o que falar, o que dizer e até o que pensar. Eis a grande questão: o que falar a eles.

Estudávamos Karl Jaspers, Kraepelin, Mayer Gross, Henry Ey e, não vamos esquecer, o livrinho maravilhoso do Professor Nobre de Mello e muitos e muitos mais. Como dizia o poeta Castro Alves, “Livros...livros à mão cheia/E manda o povo pensar!/ O livro caindo n’alma/ É gérmen—que faz a palma,/ É chuva —que faz o mar”.

Alguns psicanalistas, entre eles o Dr. Alcyon Baher Bahia, Walderedo Ismael de Oliveira, José Cândido Bastos, Fernando Nogueira de Souza, estavam nas cercanias e então imaginei que, com a Psicanálise, poderia desenvolver o que falar e, com isto, estou falando até hoje sem parar e sem vontade de parar. Publiquei um artigo em que o paciente permaneceu quatro anos comigo sem falar uma só palavra, mas eu falei bastante a ele durante todos estes quatro anos, de tal maneira que, nas últimas sessões ele falou maravilhosamente, até, caro leitor e aspirante a Psicanalista, pelos cotovelos, e também pelo belo uniforme que ele conseguiu falando com mãe, com pai, com o mundo.

Esta minha fala aqui com você, caro leitor e futuro ou atual psicanalista, é fruto de uma conversa com um personagem difícil de dialogar, um tal de Paulo Marchon, mas, enfim, lá vamos nós.

O Diretor da Colônia Juliano Moreira, Doutor Carlos Nepomuceno, convidou-me, lá por 1961, para dar uma solução a um grave problema que estava ocorrendo em uma unidade da mesma.

Ela, a Colônia Juliano Moreira, era um grande, imenso Hospital de abrigo para doentes mentais, mais de quatro mil, entre homens e mulheres, localizada em uma grande fazenda, em Jacarepaguá, um bairro dos mais distantes do centro do Rio. Estava dividida entre setores masculino e feminino, com alguns Núcleos de 700 ou mil pacientes. Tais Núcleos eram muito distantes uns dos outros. E não chegavam a se ver, conviver e

muito menos a dialogar, a não ser nos dias de pagamento, quando o nosso dinheiro chegava em malas e as filas se formavam para o Ministério da Saúde nos pagar. Os funcionários na frente das longas filas deixavam que nós, os médicos, passássemos à frente. Tantos anos se passaram que eu chego a duvidar desta lembrança da maneira de nos pagar. Enfim, não estou inventando. É claro que era dia de funcionários fantasmas aparecerem para receberem sua quota de dinheiro corrompido...

O Núcleo que me destinaram era o Franco da Rocha, com seus setecentos pacientes, seus nove pavilhões tipo fábrica, cada um deles com suas setenta camas e setenta pacientes, circundado por um muro, que não fechava grande coisa, pois era grande demais e alto de menos...

Cada pavilhão era mantido pelas enfermeiras com razoável tranquilidade, pois as pacientes que se agitavam eram encaminhadas à Clínica Afrânio Peixoto, que não tinha nada de Clínica, e iam encher os quartos-fortes ou seu pátio interno bem fechado, cercado dentro do círculo maior do Núcleo murado.

O problema a resolver era essa Clínica Afrânio Peixoto, um prédio circular, com muro e portão de cadeado para valer e cerca de 100 pacientes, supostamente agressivas ou mesmo agressivas, dentro deste muro especial. Elas ficavam trancadas mesmo, não havia como fugir. Você não tem que saber quem era Afrânio Peixoto, mas talvez baste que saiba que ele era o médico que escreveu sobre Freud no início do século XX e foi autor do romance *Bugrinha* e outros mais.

A Clínica era a vergonha da Colônia Juliano Moreira na perspectiva do seu Diretor cuidadoso, o Doutor Carlos Nepomuceno. Ele havia sido o médico responsável pela mesma e não conseguira modificar nada daquela estrutura malsã.

Eu mesmo já havia passado por lá e vira a auxiliar de enfermagem que tomava conta daquele rincão, onde ela, com seus quase dois metros de altura, dominava por inteiro. Vamos corrigir: ela era alta, mas não tanto, um metro e setenta no máximo e medido com fita métrica e não olhómetro...

Havia sete quartos-fortes, um ao lado do outro, escuros, com espaço e abertura no alto da porta para que as pacientes agitadas, que ali eram trancadas, tivessem alguma entrada de ar e luz. A medicação era escassa e penso que as mais caras, como Amplictil, Gardenal e Serpasol, provavelmente escapavam por outras vias...

Dois desses quartos-fortes estavam ocupados com pacientes muito agressivas. Uma delas era de um nível intelectual baixíssimo, idiotia, e dotada de grande excitação e agressividade. Todos a temiam. O outro quarto-forte era ocupado por uma mulher grande e alta, muito forte, que tinha uma propensão a morder bocas e rostos alheios. Algum tempo antes a haviam arrancado todos os dentes, deixando só um lá atrás, bem lá atrás... Mesmo assim, o medo era tal, que enfermeiras e enfermeiros todos queriam vê-la presa no quarto-forte. Esta mulher existiu mesmo. Era famosa dentro da Colônia e fora. Merecia um filme.

Cinco desses quartos-fortes estavam com pacientes que não representavam risco.

Para tentar melhorar o ambiente da Clínica era preciso enfrentar a Fera e as ordens, ou melhor, as leis, ditadas pela Fera, a auxiliar de enfermagem grandona que dominava o lugar. Ela, porém, saiu de férias, eu entrei no buraco, e quem estava lá? Uma enfermeirinha magrinha, pequenininha, fraquinha, nem feinha, nem bonitinha, escurinha, escurinha mesmo, isto era, um doce de auxiliarzinha de enfermagem. Onde andar ela, Ana Nery dos pobres e dos doidos?

Nós dois começamos a agir, liberando as pacientes dos quartos-fortes que não representavam risco, mas claro, deixamos sem mexer as mais ameaçadoras. As pacientes melhores nós passamos a encaminhá-las aos pavilhões. Houve, porém, reação dos dois colegas que cuidavam das pacientes dos pavilhões. Logo no início das minhas atividades, proibiram que nós continuássemos as transferências. Eles tinham poder para isto, eu que me arranjasse.

Ainda não falei onde as minhas pacientes dormiam e você vai entender a minha luta. Vamos lá, era no chão de cimento que elas dormiam.

Quando chovia, a água empoçava, porque haviam goteiras demais e, assim, não dava para todas dormirem deitadas, tinham que dormir sentadas. Ao mesmo tempo, as pacientes dos pavilhões dormiam em camas com colchões de capim sobre assoalhos de madeira. Para minhas pacientes os assoalhos dos pavilhões eram melhores que as camas do Copacabana Palace, pois o assoalho, olha que maravilha, assoalho !!!, exclamação três vezes, era sair da poça d'água no cimento para um assoalho sequinho, era tornar-se uma amada do Jorginho Guinle, ou, se fosse hoje, namorada do Neymar.

Como eu disse antes, dois colegas, que eram meus amigos, da melhor cepa de psiquiatras da época, disseram-me um sonoro não quanto às minhas transferências, que não eram nem mesmo para ceder a cama, mas, sim o assoalho maravilhoso de madeira, quentinho.

Mas eu, com a enfermeirinha a tiracolo e a vibração dela a cada conquista, e a perspectiva de luta quando a Fera retornasse, continuamos nosso trabalho. Os comentários que se ouviam e que a enfermeirinha me contava, tornavam a nossa tarefa agradável.

A Colônia Juliano Moreira ficava a uns dez minutos de ônibus da Praça Seca, em Jacarepaguá. Os médicos moravam na Zona Sul carioca, distante uma hora de carro. Os funcionários mais simples, em geral, moravam no próprio bairro de Jacarepaguá. A música de Carnaval dizia que lá “mulher é mato e eu preciso me arranjar”, não era bem assim. Era um bairro imenso, cheio de casas. A Praça Seca já tinha seu comércio muito ativo e a enfermeirinha me cutucava: “Doutor, estão dizendo na Praça Seca que tem um médico maluco – são eles que estão falando – que vai abrir as portas da Colônia e botar as doidas a invadir o bairro!”

Claro que as medidas mínimas de cuidado humano foram tomadas e estimuladas nas atividades do dia a dia com as enfermas. Parece que o principal não foi minha presença, mas sim a presença da enfermeirinha, que mantinha uma atividade amorosa e meiga, inversa da sanha da Fera.

Vejam como isto se ampliou: em um domingo eu fui na hora da visita ver se alguma família queria fazer um teste mantendo o seu paciente em

casa. Mas aconteceu um fato do qual me recordo com exatidão de detalhes: um dos nossos guardinhas subnutridos havia convidado a paciente terrível, fortuna, que mordida a cara dos homens, para que ela desse um passeio, na hora da visita, fora do quarto-forte. Eu havia chegado de surpresa e, com espanto e satisfação, vi o que o guardinha fizera espontaneamente. Eu ainda não ousara fazer isto com ela.

Com as medidas que foram sendo tomadas e a continuidade delas, algumas pacientes foram sendo liberadas do pátio da Clínica para poderem transitar no pátio das demais pacientes “normais” do Núcleo. Aos poucos, o pátio da Clínica foi esvaziando até que ficaram umas poucas loucas.

E então a pedra cantada de que eu iria abrir as portas das loucas se tornou realidade. Tudo foi simples, tudo tão natural, que até hoje eu acho que é pretensão minha e que não houve nada. Daí eu não contar para ninguém. Mas não houve nada mesmo. As pacientes e nós quatro ou cinco lá o que somos? Elas também eram poucas, felizmente.

E agora, você que está lendo? Acho que nem Maria Lívia estava sabendo das loucas desventuras do marido...

Quando a verdadeira fera chegou das férias... pediu transferência.

Muitos anos depois, eu já estava em Fortaleza, quando um grande amigo, José Luiz Freda Petrucci, se tornou diretor da Colônia Juliano Moreira e resolveu dar uma solução mais ampla que atingisse o Hospital por inteiro. O Ministro da Saúde se interessou pessoalmente, de tal sorte que ambos iam de maneira seguida ver como o processo era efetuado na prática. Os jornais publicavam os esforços do Ministro. O Petrucci foi me visitar e disse que uma enfermeirinha escurinha, quando tomou conhecimento por inteiro do que eles estavam fazendo, comentou: “O que vocês estão fazendo o Dr. Paulo Marchon fez há 30 anos atrás!”. Abaixem o pano. Apaguem a luz. Fechem a porta!

Terminado o trabalho na Colônia Juliano Moreira, pensei que já era suficiente e parti para a Psicanálise correndo e aqui estou eu. Mas houve ainda fatos que não tinham nada a ver com a decisão da Psicanálise, mas, no final, tudo é motivo. Então vamos respeitar o Freud, a associação livre

de ideias e também de ideais.

Vejamos uma outra história, dos tempos do Manicômio Judiciário Heitor Carrilho, que era vizinho da Penitenciária Lemos de Brito. Eu era plantonista e dormia num pequeno apartamento no pátio central do Manicômio. Estava no quinto ano de Medicina. Havia noites em que fugiam até três internados. Tínhamos seis guardas que cuidavam da segurança dos 300 internados. Na época não sentíamos medo porque era pacífica a relação dos pacientes conosco.

Um paciente epilético, Izidoro, impunha ordem no Manicômio com trezentos internados, grande número deles assassinos. Izidoro era a Lei e a Ordem, ficando inclusive com as chaves. Pois não é que um colega nosso resolveu separá-lo do outro internado com quem vivia numa cela para dois há anos. Doze policiais parrudos da nossa vizinha Penitenciária Lemos de Brito vieram para impor, à base do cassete, a separação de casais. Depois, para quebrar o Homem, tudo se fez: morfina, gardenal, somnifene, etc. Às cinco horas da tarde, hora do início do plantão, o brado de Izidoro ecoava no Manicômio, querendo, exigindo morfina, pois se tornara viciado na droga. Eu e outros colegas lhe dávamos Somnifene na veia e ele serenava, mas eu não. Mas, de quantas coisas terríveis a gente participa...

Anos depois, me chega a notícia: um suposto doente mental, em local muito distante, matou este médico separador de casais. Como a vida pode ser cruel com todos nós, pobres seres humanos, agressores ou vítimas, na verdade agressores e vítimas, cada um por sua vez, na sua vez. Como vai ser a minha?

Eu achava que os guardas dormiam no serviço e, de fato, isto ocorreu mais de uma vez. Em uma noite tenebrosa, daquelas que só Emily Bronte saberia descrever, eu vi que estava sozinho, à noite, com trezentos loucos, muitos deles assassinos, tresloucados, e seis guardinhas que tinham comido um churrasco, deixado as brasas acesas e, por certo, tomado muita cachaça, cachaça de paus d'água. Esperei até que um dos guardinhas despertasse para dar alguma responsabilidade à ocorrência. No livro de ocorrências descrevi o caso com umas tintas de poesia. O Diretor disse que assim, com

poesia, ele não podia punir os guardas. Quem tem medo de agir sempre arranja pretexto, até mesmo a poesia...

Mas, ainda houve mais um caso.

Na Zona Sul, o Rio estava em festa e em obras, pois o governo iria duplicar a Avenida Atlântica e ampliar, com areia do mar, as praias de Botafogo, Copacabana, Leblon e Ipanema. Era essencial uma draga para tirar a areia do fundo do mar.

Nós, médicos do Manicômio, tínhamos um colega misterioso, que só aparecia para assinar o ponto no final do mês e receber a grana. Era o dono da draga, conhecida como Esther. Mas isto não é a verdade toda, porque ele era encarregado de um trabalho árduo: ele tinha que organizar um jantar, no final do ano, para os médicos do Manicômio com as esposas. Ele era rico e do *high-society*. E assim era nosso jantar. Ele escolhia o restaurante, dizia onde era, a gente pagava, não sei se ele pagava, nem sei se ele ia para não se misturar com a gentinha.

De uma feita, ocorreu um fato gravíssimo. Era em plena ditadura, Delfim Neto era o homem mais importante do país e nós já estávamos sentadinhos, esperando o nosso jantar, quando ele chegou, com os seus rapazes, da turma dele, e daí em diante os garçons, os donos do restaurante, os cozinheiros, todos, todos eles só atendiam o Delfim e rapazes. Nosso jantar não saía e nosso querido diretor, sempre de terno branco, estrebuchava, vermelho que nem camarão, para maior contraste com a roupa imaculada. Delfim Neto levou-nos à falência. O filho da draga-Esther não sei para onde foi. Não me lembro se jantamos...

Mas não fugi da sua pergunta sobre a decisão de ser Psicanalista, fiz apenas uma pequena digressão. Mas vamos ao IPUB, onde eu ainda estava internado e trancado à chave!

Recém-formado, pensei em fazer formação psicanalítica com um psicanalista que estava se analisando em Londres. Para isto aguardei dois anos para que Henrique Mendes, meu analista escolhido, terminasse seu período londrino e viesse iluminar a mente deste sonhador.

Fiz oito anos de análise com cinco sessões por semana de cinquenta

minutos. No último ano, porque a Comissão de Ensino da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro me achou em condições, me deixaram fazer o nono e último ano com “apenas” quatro sessões por semana. Enfim, uma bela redução! Depois, fui até presidente lá na SBPRJ, e fiz da mesma maneira que eles: as reduções possíveis. Havia e há qualificação na exigência, pois a mente humana precisa de estudo e de preparo a fim de que possa tratar de outras mentes humanas.

Depois fiz ainda uma reanálise com Dr. Hans Thorner. Só para lembrar a vocês, Winnicott fez 15 anos de análise, cinco vezes por semana. Foi muito bom para a Psicanálise ter contado com a genialidade dele.

Na nossa Federação de Sociedades Psicanalíticas Brasileiras, FEBRAPSI, eu ganhei, em 1999, o Prêmio Durval Marcondes, para analis-tas-didatas, uma honra muito grande.

MULTIVERSO) Como o Sr. vê a clínica psicanalítica na atualidade?

MARCHON) Pessoalmente, eu me sinto bem e isto é a primeira condição. O paciente principal sou eu. Estou bem integrado à clínica atual. Bem comigo mesmo na condição de Psicanalista e com o meu trabalho. De bem com a vida. Sou grato à vida pelo que ela me deu. A Psicanálise tem evoluído de modo razoável, eu também posso dizer o mesmo a meu respeito. Sinto que ajudo e posso ajudar as pessoas. Aprecio como estou trabalhando, as interpretações que faço e a compreensão que elaboro do paciente e seus conflitos, sem falsa modéstia. Isto é condizente com o quantum de estudos que empreendi na minha já longa existência e que continuo a manter.

Mas é inevitável termos que nos haver com a diminuição do interesse das pessoas e do desejo de se analisarem, ao mesmo tempo em que se dissemina o desejo de entidades do mais diferente tipo de se apropriarem da Formação Psicanalítica. Tanto as Universidades particulares quanto as Entidades religiosas estão em franca movimentação para tomar conta da Psicanálise. Cabe-nos a obrigação de defender o nosso ofício, a nossa

ciência para o bem das gerações vindouras.

Vocês que estão me lendo constituem a geração vindoura.

MULTIVERSO) Observamos, nos dias de hoje, uma espécie de empobrecimento do mundo de fantasias. Sabemos da importância da “coisa”, mas sobretudo da “não-coisa”, para o desenvolvimento da capacidade simbólica. Qual a sua opinião a respeito?

MARCHON) A mente não para. É uma fábrica constante de trilhões de ideias, de associações extraordinárias, de ideais que são jogados fora, mas que nós, com a Psicanálise, podemos ir lá no fundo das negativas e elevar na suavidade de uma interpretação reveladora. É preciso manter a confiança nos momentos difíceis, sabendo que estamos com a Ciência, no caminho certo. Não temamos. Contamos com defensores intimoratos - nós mesmos, com a manutenção da nossa posição desafiadora - e podemos ter certeza de que sempre haverá no Mundo aqueles que são o sal da terra e que vão manter o Mundo da Fantasia, porque o Mundo da Realidade é feito e povoado pelo próprio Mundo Fantástico da Fantasia.

MULTIVERSO) O Sr. fala da importância dos Médicos Sem Fronteiras desenvolverem a sua pulsão de vida. Poderíamos pensar também na importância de um Psicanalista sem fronteiras para enfrentar os desafios da clínica?

MARCHON) Perfeitamente. Esta era a minha ideia quando escrevi aquele trabalho. É muito bom você o estar retomando agora, porque algum aspecto ou pequena História, vivida por um ser humano pode precisar de mim ou de você, que está me lendo e, então, a pequena história pode se tornar uma compreensão iluminada e daí o extraordinário, vivido por duas pessoas, no recanto de um consultório - o seu consultório, que, então, ganha o mundo! Terão realizado o Fiat Lux. Você estava na Fronteira da Psicanálise naquele momento. Todos estamos e temos que estar na fronteira

porque pairam ameaças neste mundo de Deus, mas também do Diabo, e é nas Fronteiras que estão os perigos, mas também as fontes do conhecimento e o prelúdio da Ação.

MULTIVERSO) No seu livro “Flutuando atentamente com Freud e Bion” (Imago Editora, 1994), o Sr. nos diz que “o viver produz vibrações” e sobre a importância de que possamos receber as vibrações emitidas por nossos pacientes. Poderia falar um pouco sobre isso?

MARCHON) Eu uso a expressão “vibração” no sentido de uma confluência emocional, de uma percepção possível na relação especial que a psicanálise permite e propicia entre analista e paciente. Vibração é uma faísca que se acende quando algo de nobre se torna passível de comunicação entre dois seres humanos. Podemos perguntar quando? Eu diria: Nas estradas da vida. Sim, bem prosaicamente, nas estradas da vida. Há muitas pessoas sensíveis e o amor delas, bem como nosso amor a elas pode nos salvar. É extraordinário que isto possa ocorrer simplesmente nesta leitura destas poucas linhas com qualquer pessoa que seja *vibrátil a estas “vibrações”*.

MULTIVERSO) Em outro dos seus livros, “A psicanálise da Carta ao pai de Franz Kafka” (2018), o Sr. se refere aos Franz e Hermanns dos nossos dias. Quem seriam esses personagens na nossa clínica e como poderiam se beneficiar de uma análise?

MARCHON) Em uma palestra que dei com minha mulher, Maria Lívia, em uma escola sobre “A Lei da Palmada”, no momento das perguntas, um dos assistentes, um senhor de seus 40 anos perguntou-me: “Doutor, quando a palmada, na criança, deixa de ser terapêutica?”.

A gente tem que se munir de boa vontade e compreensão para responder, sabendo que eles, os pais, foram educados assim e têm dificuldades em ver a destrutividade deste tipo de “terapêutica”. Não me consta que o pai

de Franz Kafka haja agredido fisicamente o filho, como fazia esse “pobre ser humano” que tenta destruir o amor que seu filho tenha para com ele e também o amor que ele possa ter para com o filho. O processo de destruição do amor, percebido como terapêutica, leva a uma inversão de papéis e funções que desorganiza a vida mental. Esta maneira de ver se espraia pela sociedade de maneira terrível.

Mas é preciso ver também sob outro prisma: dois outros pais vieram expor suas normas agressivas de educação filial à base de vara. Quando eu dei a minha resposta, pela primeira vez na vida, fui interrompido e agraciado com palmas estarrecedoras das duzentas e tantas pessoas do auditório, enfim liberto da surra que todos nós estávamos recebendo daquele trio da Idade da Pedra. Aleluia!!! Há vida também no planeta Terra!

Nós poderíamos ficar apenas na relação pai e filho e, desta forma, simplificar os tipos caracterológicos e formas de relacionamento, mas a condição inversa, de filhos que escravizam pais é um relacionamento muito comum. Basta o ressentimento em relação aos que nos cuidaram ou descuidaram para termos algo que envenena nossa existência. O ressentimento é um ácido que corrói nossa alma e contra o qual precisamos lutar. A pessoa contra quem estamos armados de ressentimento – pai, mãe, irmão, marido, mulher, ex - amigo - pode estar lampeiro na vida, enquanto nós estamos a ruminar e reviver, não deixar morrer o mal que ele nos fez. É possível que, se adoecermos ou se conseguirmos morrer por causa da maldade dele para conosco, tenhamos a vitória do ressentimento sobre a nossa sanidade mental. Mas a que preço! Isto é uma insanidade e a Psicanálise pode ser de grande ajuda neste diálogo com esta parte nossa insana.

MULTIVERSO) Sabemos que Freud não era muito otimista em relação ao futuro da humanidade. Com a sua sensibilidade e experiência, como o Sr. analisa essa questão?

MARCHON) Sabemos que Freud utilizava toda sua genialidade e capacidade para manter este clima. E o que ele dava a entender parecia ser

algo assim. Observe-se que não estou afirmando, mas dando uma possibilidade. Sabemos que Freud foi um gênio incansável. Trabalhou a vida inteira em benefício da Humanidade. Criou e recriou este Bem – a Psicanálise. Para que tanto trabalho se esse *lavoro* fosse para uma sociedade fadada ao desastre? Ele tinha muita confiança no seu trabalho e daí todo seu esforço e luta. Freud, com a Psicanálise, mudou o mundo em muitos aspectos. Ele mostrava assim sua crença na Humanidade.

MULTIVERSO) Poderia nos deixar uma mensagem para os jovens e futuros psicanalistas?

MARCHON) Queridos colegas,

Vocês têm um futuro à frente e um presente agora. Não importa sua condição atual, pode até não ser boa, mas você tem um presente como presente. Agarre-o, você não tem alternativa. Sei que você, às vezes, sente que está condenado à desgraça, que é melhor jogar tudo fora, mas é nesse momento que você pode dizer comigo bem alto e bom som: Aleluia! Vamos viver esta vida. Ela é uma maravilha, uma dádiva dos Deuses celestiais. Jovem, cuide bem de seu namorado ou namorada, porque cuidando dele ou dela você estará cuidando de você mesmo. Amando para ser amado. É com este pedacinho de ser humano que nós poderemos viver a vida inteira. A solidão é difícil. Cuide de alguém para você ser cuidado e ser amado.

Não importa o câncer, o AVC, a surdez, a visão dupla, a hipertensão, a hipotensão, o diabo a quatro, a cinco, a seis, a sete, a dez, a mil. Não importam os *stents*, o andador. Vamo que vamo! Todos juntos! Aleluia! Mais uma vez, Aleluia!

marchonpaulo@gmail.com